

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Director de ELECTRICIDADE

O Inspector

No passado mês de Fevereiro, meu pai Joaquim atingiu a bonita idade de noventa anos. É claro que houve festa familiar. Como nunca dantes acontecera. De facto, neste vaivém intoxicante que é a vida dita civilizada (segundo os cânones da chamada civilização ocidental, em construção sob o primado tecnológico) tive um dia de respiração com oxigénio da natureza (refiro-me à natureza humana). São raras as oportunidades que nos põem livremente a reflectir, enquanto se vive, como ocorreu na comemoração de um aniversário afastado apenas dez anos em relação a todo um século de grandes mutações sociais. Aí aconteceu a reunião de quatro gerações, num momento de singular beleza, pois não havia ninguém que não se predispuzesse a ser tolerante, ao ponto da diversidade de concepções de estar neste mundo se homogeneizar num caldo servido sem agressividades e servido com respeito. Todas as diferenças foram igualdades. Numa estranha equação, irresolúvel até ao fim dos tempos — para mal dos que creem na paz e no amor com pureza.

Cá veio o tio António juntamente com os seus: a mulher, professora reformada da instrução primária; a filha, que sempre embelezou o convívio com o encanto da naturalidade; e o genro, homem aberto e franco, aparentemente optimista, a quem nunca ouvi desalentos perante as adversidades que a vida entrega sem se esperar. Eis o ramo da família chegado de Alenquer. Onde me espera uma casa renovada no meio do vinhedo (sempre a franqueza como réstea social) para escrever os livros que me encham de esperança, logo que a ocasião se proporcionar. Será este o paraíso emprestado pelo sonho? Vejam lá o que nos pode surpreender na comemoração de um aniversário muito especial!

No fim, à despedida, o tio António, também ele já para além dos oitenta anos, indagou com curiosidade sobre o valor do seu sobrinho: "Então ainda dás aulas na Universidade?" Respondi imediatamente que sim, enquanto sentia por dentro uma enorme satisfação em dizer "é claro, agora sou professor". Estas palavras queriam expressar o meu contentamento em estar afastado dos problemas da gestão universitária, depois de anos a construir gigantes anímicos. Mas o encanto começou a dissipar-se perante o ar de espanto do tio que não via há muito tempo: "O quê? Ainda és Professor?" Reafirmei que sim, a sorrir de satisfação, pois "dou aulas na Universidade". A compreensão só arribou depois: "Então ainda não és Inspector?" Já mesmo de partida, tudo a correr velozmente, repeti que era certo, "estou a dar aulas aos estudantes". E cada um foi para seu lado.

Deve ter sido um choque, a surpresa. No pensamento do tio, com certeza, implodiu a imagem que construía de mim, ao longo de tantos anos, ajudado pela filha, que tantas vezes repetia: "Aquele rapaz é um estudioso. Exactamente como eu gostaria de ser". Afinal, tanto se dizia, e o rapaz feito homem, já com a idade que tem, não chegara sequer a Inspector. Ainda estava ocupado com lições (o seu autêntico sentimento talvez fosse algo diferente: "Ainda anda a aturar alunos!").

É verdade. Só então me dei conta que tenho idade suficiente para não aturar as crianças dos outros. Talvez esteja na idade de inspeccionar como é que os outros aturam criancices. É isso: o sonho, que alimentei toda a vida, de investigar cientificamente e ensinar tecnologicamente até à jubilação (aos setenta anos) será uma simples quimera? Que se esvai como o perfume das flores, que se esbate como a luz do pôr do sol. Será?

A tal vida intoxicante, porém, não me deixa ir mais longe no pensamento. Logo no dia seguinte, ao chegar à Universidade, fui convocado para uma reunião de emergência: um docente com a incumbência de realizar um exame final abandonara a sala e fora para o seu gabinete (na vizinhança), obcecado que andava a resolver um problema fazendo apelo ao uso do computador (e este estava no seu gabinete). A prova académica era para efectuar com consulta, mas parece que as crianças

desatinaram a copiar umas pelas outras, a ponto de emergir o protesto de quem servia de fonte sabedora às resoluções das questões propostas. A situação não tinha precedentes. E encontrei-me, de repente, à frente de uma comissão de averiguações.

A cena decorreu no meu próprio espaço de trabalho. Três doutores (comigo entre eles) a inquirir e a ouvir as respostas comprometidas pelo desaire da bondade. Aí estava o Inspector que o meu tio gostaria que eu fosse, a interrogar quem dera aulas e ainda teve que fazer os exames, mas que no momento da batalha final abandonara as tropas em pleno combate e foi agarrar-se ao viciante computador — talvez para escrever mais um poema sobre a desilusão da investigação científica e tecnológica numa carreira docente universitária sem objetivos institucionalmente conscientes.

Não sei que razões (ou sentimentos) levam um jovem a proceder assim, mesmo perscrutando como fui jovem numa geração atrás. Quando escrevia poemas. E os estudantes queriam o meu convívio, como professor universitário. Hoje tenho de arbitrar conflitos alheios. E mal consigo escrever poesia. Serei mesmo Inspector? Só Inspector?

A perserverança ainda não desapareceu conscientemente. Continuo a dar aulas pelo conhecimento e a testar até onde chega a ignorância de quem não me ouve. Deixem-me dizer sempre ao tio António, mesmo que isso o surpreenda: "Dou aulas na Universidade, sim". E, se a inspiração regorgitar de novo, talvez vá a Alenquer escrever um livro de poemas, no intervalo entre as aulas e os exames, com papel e caneta ou carreando um computador à maneira actual, para mostrar que não sou nem quero ser Inspector. Porque, nunca quis ser Inspector Geral, desde que li Gogol, nos meus tempos de juventude, ao aprender a língua russa, numa época irreverente, em que tudo o que fosse russo era subversivo. Mas a que me atrevi, porque era professor universitário e detestava Inspectores. **LE**